

## RODA DE CONVERSA - AVALIAÇÃO EM SAÚDE

### **PLANIFICAÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE EM TERRITÓRIOS LÍQUIDOS NA AMAZÔNIA: SUSTENTABILIDADE, SABERES TRADICIONAIS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

*Rafael Rodrigo Da Silva Pimentel (rafael.pimentel@einstein.br)*

*Ilana Eshiriqui Oliveira (ilana.eoliveira@einstein.br)*

*Rodrigo Tobias (tobiasrodrigo@gmail.com)*

*Dannyele Cristina Da Silva (Dannyele.Silva@einstein.br)*

*Daiana Bonfim (bonfim.daiana@einstein.br)*

Introdução: A região amazônica apresenta singularidades geográficas e socioculturais que desafiam a organização da Atenção Primária à Saúde (APS) e da Atenção Ambulatorial Especializada (AAE). O acesso da população ribeirinha aos serviços depende da dinâmica das águas, e do deslocamento por barcos, canoas e ambulanchas. Nesse cenário, a Planificação da Atenção à Saúde (PAS) assume papel estratégico para garantir equidade, integralidade e continuidade do cuidado em tempo adequado diante das distâncias e sazonalidades climáticas. Objetivos: Relatar e analisar a experiência de coleta de dados no âmbito do Projeto “Planificação da Atenção à Saúde em territórios líquidos na região Amazônica”, destacando desafios, estratégias de cuidado e aprendizados emergentes no processo de implementação da PAS. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência produzido a partir de atividades de campo realizadas entre comunidades ribeirinhas do Amazonas, vinculadas ao Projeto PlanificaSUS, desenvolvido pelo Einstein Hospital

Israelita em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), Ministério da Saúde e Fiocruz Amazônia (ILMD). A coleta de dados ocorreu em julho de 2025, e envolveu observação participante (Viagem na Unidade Básica de Saúde Fluvial – UBSF), registros de campo, entrevistas com profissionais de saúde (UBS e AAE) e moradores ribeirinhos, bem como análise dos deslocamentos necessários para o acesso aos serviços. Resultados: A experiência revelou que o acesso à saúde, nesses territórios, é construído em movimento, materializado em embarcações que se tornam extensões da política pública. Até o momento, foram acompanhadas três comunidades ribeirinhas no período da estiagem, identificando-se práticas de cuidado adaptadas ao ritmo do rio e à resiliência das populações locais. Observou-se que o tempo de deslocamento até os serviços de saúde varia de aproximadamente 1 hora durante a cheia para 4 a 12 horas em períodos de seca extrema. A PAS favoreceu a reorganização de processos de trabalho, fortalecendo a integração entre serviços e a valorização dos saberes locais, além de sinalizar a necessidade de incorporar a variável climática (cheias e secas) no planejamento em saúde. Considerações finais: A vivência evidenciou que a territorialização da APS na Amazônia ultrapassa a lógica convencional da rede física e exige compreender o território como fluxo. Entre travessias e esperas, aprendemos que a saúde se constrói na simplicidade, na solidariedade e na capacidade de fluir com o ambiente. Esse aprendizado reforça a necessidade de políticas públicas que articulem saberes tradicionais, adaptação às mudanças climáticas e inovação em estratégias de territorialização.

Palavras-chave: planificação da atenção à saúde; territórios líquidos; região amazônica; saberes tradicionais; sustentabilidade; mudanças climáticas.